

RAZÕES DA HEGEMONIA TUCANA EM SP

O Partido da Social Democracia Brasileira, PSDB, caminha para completar vinte anos à frente do governo do Estado de São Paulo: desde 1995, a sigla esteve representada nos mandatos de Mário Covas (1995-1998; 1999-2001), Geraldo Alckmin (2001-2002; 2003-2006), José Serra (2007-2010), Alberto Goldman (abril a dezembro de 2010) e, novamente, Geraldo Alckmin, eleito para governar de janeiro de 2011 a dezembro de 2014. Durante todo este tempo, o partido só não esteve diretamente no comando do Palácio dos Bandeirantes entre março e dezembro de 2006, quando o então vice-governador Cláudio Lembo, do Partido da Frente Liberal (PFL, hoje DEM), assumiu o cargo de governador para que Alckmin pudesse disputar as eleições presidenciais.

Uma longa hegemonia em terras paulistas, portanto, em contraste com o que ocorreu no plano nacional: após dois mandatos consecutivos de Fernando Henrique Cardoso na Presidência da República, o PSDB viu frustrados os planos de Sérgio Motta, um dos formuladores do partido, de manter-se por duas décadas à frente do governo federal, e foi derrotado pelo Partido dos Trabalhadores, o PT.

No Estado de São Paulo, ao menos até as eleições de 2010, o PT não conseguiu desbancar seu maior rival. A professora Rachel Meneguello pensa, mesmo, que não houve efetivamente competição eleitoral até este momento: dizendo de outra forma, o PSDB não chegou a ser seriamente ameaçado em sua hegemonia. Que, na visão do professor Cláudio Couto, está ancorada na rede de apoios presente no rico interior, nas afinidades ideológicas entre os *tucanos* e a forte classe média paulista e na eficiência dos serviços prestados.

Ao longo destes mandatos, os *tucanos* imprimiram sua marca no Estado, inicialmente de maneira coordenada com as políticas do governo FHC, mais tarde em “vôo solo”. O eixo que perpassa as políticas públicas de todas as suas gestões é a privatização do Estado, ou das ações estatais, direta ou indiretamente.

Embora o PSDB paulista continue a empreender suas reformas, a todo vapor, elas já encontram resistências inesperadas, como a recusa do Tribunal de Justiça a avalizar a entrega de leitos públicos geridos por OSS a pacientes de convênios (o que, se consumado, seria um novo golpe no SUS). O fracasso de certas políticas públicas urbanas, como a do transporte de massa, salta à vista apesar das recentes inaugurações de estações do Metrô na capital paulista.

A *Revista Adusp* traz nesta edição entrevistas e reportagens sobre o domínio político *tucano* em São Paulo, buscando compreender suas razões, bem como apontar os resultados de suas políticas em diversas áreas. O material colhido por meio dos depoimentos de pesquisadores, parlamentares, gestores, sindicalistas e populares é rico e de proveitosa leitura.

Sauer e os apagões

O professor Ildo Sauer, diretor do Instituto de Eletrotécnica e Energia (IEE-USP), nos concedeu uma longa entrevista sobre a questão da energia e, em especial, sobre os modelos adotados pelo governo federal para o setor elétrico e o setor do petróleo. É uma aula valiosa, ainda que certas afirmações soem polêmicas. Leitura indispensável.

Paulo Elias

O precoce falecimento do professor Paulo Eduardo Mangeon Elias, da Faculdade de Medicina da USP, priva-nos de um defensor da saúde pública e um original pensador das políticas de planejamento e gestão desse setor. Paulo Elias foi membro do Conselho Editorial da *Revista Adusp* entre 1999 e 2007. Mais informações na p. 125.